



## **GÊNERO E ENSINO DE LITERATURA: IDENTIDADE (S) DA MULHER NEGRA EM O CORTIÇO**

Janaína da Costa Barbosa (PIBID/CH/UEPB)  
janne3010@hotmail.com

Ana Márcia Targino de Oliveira (PIBID/CH/UEPB)  
anamarciatargino@hotmail.com

Maria das Dores Justo (Professora do Ensino Básico e Supervisora do Subprojeto  
LP/ PIBID/ CH/ UEPB)  
dora.justo@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo foi elaborado a partir da leitura da obra *O cortiço* de Aluísio Azevedo, representante do Realismo/Naturalismo no Brasil. Esta obra nos serviu de corpus para introduzirmos em uma escola pública o estudo étnico racial que é de fundamental importância esse conhecimento, uma vez que a Lei 10.639, que nos orienta a seguirmos esse caminho, foi aprovada desde janeiro de 2003 e com a aprovação da referida Lei a qual alterou a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, nº 9394/96 passou então a incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e africana. Segundo Cavalleiro (2006), só em 2003 com a aprovação dessa lei é que o estado brasileiro teve a intenção de eliminar o racismo e a discriminação racial nas escolas. Segundo Munanga:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (MUNANGA, 2005, p. 16).

Foi a partir dessa problemática que escolhemos a obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo para discutir as relações étnico-raciais e os processos identitários nas aulas de Literatura Brasileira. Para isso, destacamos duas mulheres representantes desse romance que é Rita Baiana e Bertoleza. Com a leitura da obra passamos a trabalhar o processo identitário no que diz respeito às relações étnico-raciais, fazendo um recorte para através do mesmo, limitarmos a constituição da identidade da mulher negra (Bertoleza e Rita Baiana) na obra em estudo. A leitura que fizemos

---



junto aos alunos foi diferente da tradicionalista - com ficha de leitura e prova no final do bimestre. O nosso objetivo na escolha do livro foi fazermos um trabalho diferenciado em que o sentido literário que é sempre o que se aborda nas obras perpassasse e chegasse até as questões sociais.

## **METODOLOGIA**

A análise realizada não se pautou apenas em pontos recorrentes que se vê em alguns estudos de obra literária, tais como estilo e linguagem, mas tivemos o cuidado de abordar além desses pontos citados, discutirmos também questões de ordem social, fundamentado no que diz Munanga:

Sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. (Munanga, 2005, p.15)

Assim sendo a escolha do livro “O cortiço” para trabalharmos com os alunos do Ensino Médio, teve como propósito destacar as duas principais personagens na obra – Rita Baiana (mulata, sensual) e Bertoleza (negra e objeto), para a partir dessas duas personagens fazer um resgate de nossa africanidade, ou seja, de nossa identidade e também através da contribuição de alguns pesquisadores desconstruir a imagem que os nossos alunos têm sobre o negro. Para tanto, além de Munanga (2005), fundamentamos nossa pesquisa com outros autores que abordam o tema em discussão Bernd (2003) Silva (2005), Hall (2006).

## **RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Após a leitura do referido romance feita pelos alunos e discussão dos temas, observamos que a cada capítulo, eles ficavam mais curiosos e questionadores a respeito das duas personagens escolhidas, em especial Bertoleza, pela forma em que ela se calava e aceitava as injustiças praticadas pelo seu amante e senhor João Romão. E foi a partir dessas inquietações que um grupo de alunos resolveu adaptar alguns capítulos da obra em um texto dramático, dando ênfase às personagens Rita Baiana e Bertoleza.

---



Os capítulos escolhidos foram aqueles em que Bertoleza recebeu de João Romão uma carta de alforria falsa até o penúltimo capítulo em que ela percebe que está sendo descartada. Porém o grupo fez uma abordagem diferente do livro revertendo o final de Bertoleza na qual a mesma ao invés de se suicidar como de fato acontece no romance, ela faz João Romão assinar um documento doando todos os seus bens sem que ele desconfie da trama. Quando o mesmo descobre que foi enganado pela “negra burra”, já não há mais nada a fazer, restando apenas a loucura e o hospício.

### **A LEITURA DO CORTIÇO NA ESCOLA – UMA ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAL**

A abordagem mais comum da literatura no Ensino Médio é a apresentação em sequência cronológica e linear das chamadas Escolas Literárias que dificilmente tem conseguido despertar o interesse do estudante para a fruição do texto literário e um conseqüente observar nas entrelinhas, não só a questão da estética literária, mas questões sociais que geralmente a obra literária condensa. Foi na leitura do cortiço que descobrimos essa forma diferente de abordar dentro do texto literário na figura de duas personagens– Rita Baiana e Bertoleza. Para isso observamos o que diz (BERND, 1988, p. 40-41) sobre a recepção de uma obra literária:

(...) é possível avaliar a repercussão que poderá ter no que concerne à recepção de uma obra literária, pelo público, (...). A constatação da existência dessas injunções que interferem na formação da literatura como instituição, pode dar-nos a chave para a compreensão do destino das criações artísticas: o valor estético não é a determinante única da sacralização de uma obra, nem de seu banimento para as regiões do esquecimento.

Discutimos com os alunos a situação de Bertoleza explorada antes pelo *seu dono*, pois ela era escrava e depois foi enganada por João Romão com uma carta de alforria falsa, passando nesse momento ao pertencimento total pelo seu homem (João Romão) o qual devotava verdadeira adoração. “O destino de Bertoleza fazia-se cada vez mais estrito e mais sombrio; pouco a pouco deixara totalmente de ser a amante do vendeiro, para ficar sendo só uma sua escrava”(AZEVEDO, 2005, p.192).

Dessa forma Bertoleza era uma máquina para o trabalho e também para satisfazer o seu companheiro, resignada e em silêncio e esse silenciamento da personagem demonstra características marcantes que são atreladas às mulheres

---



em todas as gerações. É comum no texto literário os autores representarem figuras femininas negras ou como submissas ou como lascivas. Porém, Rita Baiana, diferentemente de Bertoleza tem o corpo erotizado descrita pelo o autor de forma sinestésica, emanando gostos e cheiros que entorpece o europeu e que está presente também em nossos dias. A mulata é vista como imagem amoral, um perigo constante na desconstrução da ordem do modelo feminino burguês.

A mulata era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; (...), assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias (...). (Azevedo, 2005, p. 72).

Na literatura encontramos duas representações da mulher negra: a mulata bonita, sensual e cheirosa e a negra retinta, feia, suja e ligada ao lado pejorativo do trabalho. É o que encontramos na leitura sobre Rita Baiana (mulata bonita, sensual e cheirosa), no entanto a personagem Bertoleza se encaixa nesse perfil (negra, feia, suja e ligada ao trabalho de forma escravizada).

De acordo com (Woodward, apud Silva, 2000, p. 17):

A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Segundo Silva (2000), a identidade representa quem realmente somos, ou seja, designa as especificações de cada ser: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. (cf. SILVA, 2000) grifo do autor.

Concordamos com Silva ao analisarmos a identidade à luz das duas mulheres Bertoleza – negra, escrava e que se identifica com essa condição e que só esboça reação sobre sua situação de explorada já no fim da obra, quando ela descobre que João Romão vai casar. “Então a negra servia pra um tudo; agora não presta pra mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! Assim também Deus não manda!” (Azevedo, 2005, p. 219.) No caso de Rita Baiana, desde o momento em

---



que ela aparece na obra percebemos essa performance identitária de mulata sensual, independente e que vive a sua sensualidade plenamente, buscando usufruir desse prazer, passando ao leitor a vivência de uma experiência erótica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao passo que líamos a obra em nossas aulas de LP havia sempre debates e questionamentos entre os alunos secundaristas e os graduandos (pibidianos), já que essa leitura teve a orientação do coordenador do Subprojeto de LP/PIBID/CH/UEPB. Observamos também a participação ativa dos alunos, tanto na leitura da obra como nas discussões. Discussões estas que sempre nos levavam a novas descobertas sobre as personagens em estudo. Essa nova metodologia de ensino de literatura nos incentivou a continuar, pois os resultados foram proveitosos. Igualmente, além da leitura integral da obra, ainda foram feitas adaptações para diversos gêneros, entre eles- uma peça teatral.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. **Coleção grandes mestres da literatura brasileira**. São Paulo, Ed. Paulus, 2005.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: brasiliense, 1988, p.40-41.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto alegre: UFRGS, 2003, p.142.

MUNANGA, Kambegele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In: BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília: MEC/SECAD, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

---



**CONEDU**

Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014